



### Comunidades Globais: A construção de comunidades imaginadas na Era da Informação

*Adriano Carlos de Almeida*<sup>1</sup>  
*Ana Louise de Carvalho Fiúza*<sup>2</sup>  
*Sheila Maria Doula*<sup>2</sup>  
*Neide Maria de Almeida Pinto*<sup>2</sup>

#### Resumo

Pensar em comunidade nos dias atuais traz intrínseca a necessidade de serem compreendidas as formas como este mundo moderno tem se configurado. O que propomos neste breve ensaio é pensar as representações em torno da ideia de comunidade, a partir dos paradigmas que elegem a descentralidade do sujeito do mundo contemporâneo, procurando contrapô-los às perspectivas teóricas que se baseiam na permanência no mundo atual do sistema de dádivas, de relações estruturadas e de uma dimensão não-utilitarista da convivência social.

**Palavras-chave:** Comunidade, desenraizamento, tecnologia da informação, alta-modernidade.

#### Abstract

Thinking about community nowadays brings intrinsic the necessity to understand the ways in which this modern world has been configured. What we propose in this brief essay is to think the representations around the idea of community from the paradigms that elect the decentralization of the subject in the contemporary world, seeking to confront them with the theoretical perspectives that are based in the continuity of Gifts System in the world nowadays, of structured relations and a non-utilitarian dimension of social interaction.

**Keywords:** Community; uprooting; information technology; high-modernity.

---

1 Bacharel e Licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Viçosa, Mestre em Extensão Rural pela mesma Universidade, pesquisador do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE e pesquisador vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas da Contemporaneidade – Nepcon.

2 Professora Adjunta da Universidade Federal de Viçosa.

## 1. Introdução

Pensar em comunidade nos dias atuais traz intrínseca a necessidade de serem compreendidas as formas como este mundo moderno tem se configurado. O conceito de comunidade se inscreve dentro de uma sociedade percebida por diversos teóricos como fragmentada e incerta. As representações criadas acerca da ideia de comunidade evocam sobre si relações de proximidade ou de estreitamento de laços, mais do que isso, seria possível falar em formas de pertencimento. As questões que advêm estão sempre relacionadas a como pensar em tais conceitos na sociedade que emerge diante dos nossos olhos. Caracterizada por alguns autores por sua fluidez e sua transitoriedade, a sociedade contemporânea parece romper muitos elos de pessoalidade, pautados sobre as relações de vizinhança e de família, relações de integração. Tais vertentes teóricas tendem a criar representações dos humanos atuais como seres circunscritos por um desenraizamento voraz das formas de existência e pela descentralidade dos valores. O homem do mundo contemporâneo aparece como pertencente a nada, “bebendo” de seus valores em fontes multivariadas.

Mas se as formas de pertencimento se situam como múltiplas e frágeis na alta-modernidade, como os indivíduos têm conseguido estabilidade em uma era marcada pela incerteza e pelo vazio das formas de existência, outrora, dados pelas relações sociais estreitas nos laços cotidianos? Serão estas comunidades capazes de resistir ao colapso de dispersão teorizado por alguns autores? Ou o que falamos hoje é de uma representação de comunidade ressignificada no contexto da sociedade global e que se ancora em outras formas estabelecidas de pertencimento social? Passando por teóricos como Zigmunt Bauman (2003), Castells (2002), Antony Giddens (1991) e Benedict Anderson (2005), tentaremos esboçar diferentes perspectivas para pensar as formas de pertencimento em torno da ideia de comunidade no mundo contemporâneo.

De que maneira tais sujeitos vivem no mundo atual e como têm conseguido uma estabilidade no universo social, são questões ainda em andamento. As várias análises teóricas sobre a alta-modernidade são elas mesmas, por vezes, fluidas e contraditórias entre si. Diante de tais representações, poder-se-ia mesmo falar de uma “Era de Mudanças”, da imprevisibilidade de respostas e da obscuridade de um futuro que se ergue sobre alicerces ainda não bem definidos.

O que propomos neste breve ensaio é pensar as representações em torno da ideia de comunidade, por um lado, a partir do paradigma que elege a descentralidade do sujeito como o caminho ou o descaminho da humanidade, contrapondo-o, de outro, ao paradigma que se baseia na perspectiva da permanência no mundo atual do sistema de dádivas, de relações estruturadas e de uma dimensão não-utilitarista da convivência social, o que, levando-se em conta os trabalhos sólidos de diversos teóricos, torna-se evidentemente importante para o entendimento do imaginário acerca das comunidades na era da informação.

## 2. Alta-modernidade e descentralidade dos sujeitos

Antony Giddens (1991), em seu livro *As consequências da modernidade*, discute o momento histórico atual, destacando-o como um período em que as características que marcaram a modernidade, dentre elas o individualismo, a competitividade, a crença na ciência e poder do homem de dominar a natureza, encontram-se em um processo de radicalização. Segundo o autor, é possível compreender os contornos de uma nova ordem, que é diferente, configurando um cenário que cada vez mais se torna *carregado e perigoso*, levando, assim, aos riscos e incertezas que caracterizam o mundo atual. Tal processo aponta para o que Giddens denomina *alta-modernidade*. (GIDDENS, 1991, p. 13;19).

A alta-modernidade traz em seu bojo um forte processo de desenraizamento social dos indivíduos, em meio ao qual, cada vez mais, eles passam a viver em lugares distantes de suas terras de origem, deslocando-se para as áreas mais diversas do globo. Isto conduz a um processo que promove o distanciamento dos valores culturais e perda gradual dos vínculos de pertencimento social. Tal processo, conjuntamente com a perda do sentimento de grupo, pode ser entendido como a sinalização cada vez mais intensa de uma nova cidadania-mundo.

A constituição deste novo modelo ético é discutida por Hobsbawm (2000 apud RIBEIRO, 2006) quando discorre a respeito da perda das raízes no mundo contemporâneo. Para o autor:

A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Dessa forma, desintegram-se

os velhos padrões de relacionamento social humano e os elos entre as gerações se quebraram. Isso ficou muito evidente nos países mais desenvolvidos da versão ocidental do capitalismo, onde predominaram os valores de um individualismo associal absoluto [...] reforçados pela erosão das sociedades e religiões tradicionais. (HOBSBAWN, 2000 apud RIBEIRO, 2006, p. 4).

Adotando ponto de referência semelhante, Reis Filho (2000, p. 193) ressalta que estamos em “*uma era de reconhecida e irrefreável tendência à globalização*”, encontrando-nos, “*simultaneamente em meio a um turbilhão de conflitos sobre identidades políticas e fragmentação étnica*”.

Por outro lado, de forma paradoxal a esse contexto de instabilidade e indefinições, são fortalecidos os sentimentos nacionalistas mais localizados e a valorização de identidades em culturas regionais, que disputam territórios e a afirmação do seu poder.

Outros teóricos, como Castells (2002), ressaltam que se vive hoje o desencadeamento de uma série de mudanças relativas ao desenvolvimento das tecnologias da informação, com o advento da rede mundial de computadores, a internet, do ambiente virtual e do chamado ciberespaço. Para o autor, tais mudanças levaram a uma alteração significativa na organização dos sistemas sociais, políticos e econômicos em âmbito mundial.

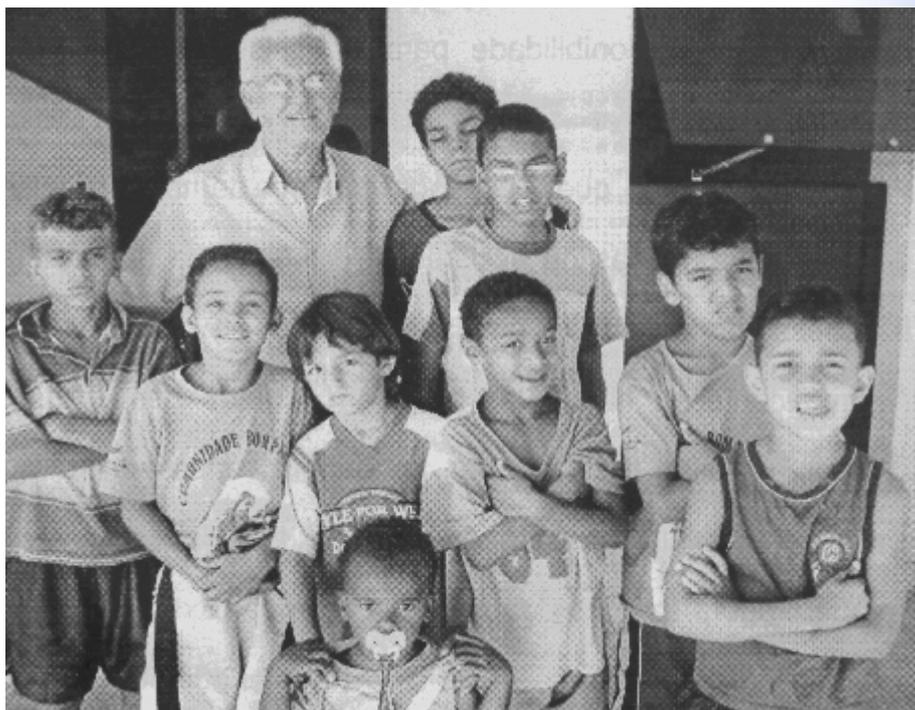
Castells salienta que estamos vivendo no que concebe como *era da informação* ou *era do conhecimento*. As caracterizações que permitem entender como esta era se apresenta são as mudanças na maneira de a sociedade se comunicar e a valorização crescente da informação numa nova configuração, na medida em que a circulação de informações se dá em velocidades e mesmo quantidades antes inimaginadas. Torna-se claro que a *Sociedade em Rede*, para utilizar os termos do autor, é a sociedade cuja estrutura social vem sendo erguida por meio da informação que se pauta, por sua vez, no desenvolvimento de tecnologias microeletrônicas, as quais resultam no aperfeiçoamento de sistemas computacionais. A internet foi um dos grandes símbolos resultantes deste processo. Castells argumenta que a internet pode ser compreendida para muito além de uma mera tecnologia, seria antes um meio de comunicação que constitui uma forma organizativa da sociedade atual:

A Internet é o coração de um novo paradigma sociotécnico, que constitui na realidade a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação, de trabalho e de comunicação. O que a Internet faz é processar a virtualidade e transformá-la em nossa realidade, constituindo a sociedade em rede, que é a sociedade em que vivemos. (CASTELLS, 2002, p. 287).

Assim, é possível perceber que curiosamente esta mesma sociedade parece se perfazer por um retorno em busca de características que possam fornecer ao sujeito certa identidade, como forma de reconhecer frente aos outros. Tal fenômeno é, de acordo com Castells, uma exata consequência do tipo de sociedade em que estamos vivendo, em meio à qual foi perdida a ilusão de se poder viver num mundo mais justo e com melhores condições de vida.

Em *Comunidade: A busca por segurança no mundo atual*, Bauman (2005) traz uma contextualização acerca das comunidades no mundo contemporâneo. O autor questiona até que ponto poderemos falar em comunidade num mundo que cada vez mais se torna desenraizado ou desencaixado, para usar os termos de muitos sociólogos. Pergunta Bauman: Se estas comunidades puderem de fato existir, elas sobreviverão a uma ordem estabelecida por meio de redes e até mesmo a um Estado-Nação enfraquecido? Em outras palavras, o que Bauman busca questionar é o fato de num mundo em que cada vez mais as pessoas vivem em estado de instabilidade, de fluidez, onde as relações não se estabelecem pautadas sobre nenhum critério de durabilidade e se aceleram as relações momentâneas, onde tudo é, por isso mesmo, amplamente incerto, não se teria uma necessidade sintomática da busca por segurança? Sua interrogação se situa em torno do fato de as comunidades estarem respondendo ou reagindo à desarticulação social

desse amálgama pós-moderno. Ou para utilizar outros termos, estaria a sociedade encontrando um alicerce no contexto da alta-modernidade? Se isto tem acontecido, de que modelo e de que conceito de alta-modernidade seria possível falar? Assim o que o autor se propõe é pensar a reestruturação da comunidade no mundo desenraizado dos nossos



Comunidade Bom Pastor - MG desenvolve trabalhos sociais e de apoio a crianças em risco

dias. Se falamos de comunidade, a pergunta que ele faz é: Que comunidade será está? Encontramos aqui a questão central de sua discussão.

Bauman (2003) parte do próprio conceito de comunidade para então pensar na configuração do mundo moderno e no processo que o articulou. Interessa-se o autor por compreender como os processos que articulam/desarticulam esse momento histórico podem conviver com a existência da comunidade. Para Bauman, a palavra “comunidade” se caracteriza por apresentar não apenas um significado, mas por resguardar também uma espécie de sensação. Nessa medida, o que quer que seja que comunidade venha a significar, é bom “estar em comunidade”, é bom “ter uma comunidade”. O termo comunidade produziria assim uma sensação boa, por causa dos significados que carrega, todos prometendo prazeres, muitos dos quais gostaríamos, mas não mais nos é possível encontrar. Classicamente, a comunidade é identificada como um lugar “cálido”, por isso, confortável e aconchegante. É exatamente um lugar onde é possível se resguardar dos perigos encontrados fora dela. Numa Comunidade há a segurança alijada sobre a confiança de uns com os outros, uma vez que não existem estranhos nesse meio.

Nessa medida, a comunidade, entendida como um lugar de trocas mútuas de confiança, de relações pessoais e amigáveis, parece ser algo bastante atraente em meio a um contexto de competição e de individualidade, que emerge em nossos tempos. Bauman (2003) percebe a ideia de comunidade como um novo nome dado ao paraíso perdido, ao qual esperamos ansiosamente retornar e buscamos incansavelmente os caminhos que nos podem levar a ele. Contudo, é necessário chamar atenção para a diferença encontrada entre esta ideia quase bucólica de Comunidade, o que Bauman chama de “Comunidade dos Sonhos”, e a “Comunidade Realmente Existente”. Ao contrário da primeira, esta, que realmente podemos encontrar, exige rigorosa obediência em troca dos serviços que é capaz de oferecer. Em outras palavras, a manutenção da segurança exigiria, por sua vez, que se abrisse mão da liberdade, ou ao menos a mantivesse limitada pela existência da comunidade.

Assim, a existência da vida em comunidade se sustentaria em um campo de forças entre a busca por segurança e o desejo de liberdade. Bauman argumenta que de um lado está a segurança e de outro a liberdade, nas quais se pode conseguir se equilibrar bem ou mal, mas, de uma forma ou de outra, jamais poderão ser inteiramente bem ajustadas e encontradas sem atritos. É, de acordo com o autor, em meio a este campo de forças e de polaridades que as Comunidades podem ser pensadas no



**Quakers - Comunidade Religiosa fundada nos Estados Unidos no século XVII, vivendo sob a lógica do recolhimento, da pureza moral e da prática ativa do pacifismo, da solidariedade e da filantropia.**

mundo atual.

Robert Redfield e Tönies (apud BAUMAN, 2003), entendem que a “comunidade real” estaria perto de sua natureza a partir de quando ela pudesse se aproximar de três características: primeiramente na medida em que ela fosse distinta de outros grupamentos humanos, sabendo-se assim onde ela começaria e onde terminaria; segundo, na

medida em que ela fosse pequena, podendo assim estar à vista de todos os seus membros; e, por fim, na medida em que ela fosse autossuficiente, o que tornaria possível entender se ela fosse capaz de oferecer todas as necessidades de seus membros. Bauman discute que essa pequena comunidade, tratada por Redfield e Tönies, dependeria existencialmente do bloqueio de canais de comunicação com o mundo exterior, uma vez que ela é composta por elementos de homogeneidade.

Os limites desse modelo ideal de comunidade se tornam bastante expostos quando o equilíbrio entre aquilo que é “de dentro” e aquilo que é “de fora” começa a mudar e torna embaçada a distinção entre



**Membros da Comunidade Católica Canção Nova.**

“nós” e “eles”. A homogeneidade, entendida por Bauman como “mesmidade”, começa a evaporar quando a comunicação entre o mundo exterior e o mundo interior se intensifica de tal forma que passa a ter mais peso que as trocas mútuas internas. Essa fissura nos muros da comunidade se alargaria com o advento da tecnologia da informação e da estruturação da sociedade por meio de redes. Neste momento, a fronteira entre o “de dentro” e o “de fora” não poderia mais ser estabelecida e nem mesmo mantida.

Hoje a ideia de comunidade tenderia a ser substituída pela de identidade. A identidade emergiria, assim, no momento em que a comunidade entrasse em declínio. Contudo, Bauman destaca que nenhuma das duas se encontra à disposição num mundo rapidamente privatizado e individualizado, podendo, assim, serem as comunidades livremente imaginadas e desejadas com ardor. Bauman busca caracterizar o mundo da alta-modernidade como uma era liquefeita de relações, em que os bem-sucedidos ou as novas elites tendem a um processo de secessão ou isolamento. Essa nova elite se caracteriza por sua cada vez maior “extraterritorialidade”. Tal conceito e tal forma de vida são uma garantia contra a ideia de comunidade. Este novo *modus vivendi* se pauta na irrelevância do lugar, condição absolutamente fora do alcance das pessoas comuns. Para os poderosos e bem-sucedidos, os conceitos de “dignidade, mérito e honra”, historicamente os alicerces sobre os quais se construía a comunidade, exigirão no novo mundo liquefeito, paradoxalmente, a negação da comunidade. Tal negação encontra seu limite, no entanto, quando mesmos os poderosos necessitam dos laços comunitários. Assim, liberdade e comunidade, mesmo tendendo a um conflito, precisarão coexistir, pois a falta de uma ou outra não conduziriam, de acordo com o autor, a uma vida satisfatória.

Bauman salienta que sentimos falta da comunidade, uma vez que ela é uma qualidade central para uma vida satisfatória, contudo, o mundo atual é cada vez menos capaz de fazê-la ocorrer. Ao contrário, o que o autor percebe é que nos vemos cada vez mais envoltos por uma desordem fluida, rápida, transitória, caracterizada por uma insegurança do que será amanhã, uma incerteza diante da própria existência. O mundo parece, assim, ser diferente a cada minuto que se olha. As cidades contemporâneas são conjuntos grandes, densos e permanentes de seres humanos heterogêneos em circulação. Em outras palavras, o que a obra de Bauman parece salientar, antes de mais nada, é uma desarticulação de qualquer centralidade social que antes pudesse haver, colocando os seres humanos

dentro do contexto de uma realidade que se liquefaz.

### 3. A ideia de comunidade nos contornos da alta-modernidade

Benedict Anderson (2005) discute a representação de uma ideia de comunidade imaginada, entendendo-a sob o prisma da formação dos Estados Nacionais Modernos, ao longo dos séculos XVIII e XIX. Como o próprio autor salienta, seu ponto de partida é a questão da nacionalidade, ou o fator nacional, e o nacionalismo, compreendendo-os como artefatos culturais de um tipo especial. Anderson busca entender seu aparecimento histórico, as alterações que sofreram seus significados ao longo do tempo e a razão pela qual passam a possuir legitimidade emocional profunda nos dias atuais.

Diante de tal perspectiva teórica, o autor propõe uma definição para o conceito de nação, percebendo-o, assim, como uma comunidade política imaginada, sendo imaginada ao mesmo tempo em que é intrinsecamente limitada. Para Anderson, a nação é uma comunidade imaginada, uma vez que até mesmo os membros da menor das nações jamais conhecerão, jamais poderão encontrar e jamais ouvirão falar da maioria dos outros membros da mesma nação, contudo, na mente de cada um deles persistirá a imagem de uma eterna comunhão. Tal nação é entendida como limitada, porque até mesmo a maior das nações, a qual envolve certamente bilhões de seres humanos, ainda assim possui suas fronteiras bem definidas. A nação, como imaginada, é independente das desigualdades e das explorações que possa haver dentro dos seus limites, ela será sempre concebida sob a perspectiva de uma agremiação horizontal e profunda. Tudo isso permite interpretá-la como uma fraternidade, sob a qual é possível entender por que nos últimos dois séculos tantos milhões de pessoas foram capazes de matar, mas, antes e mais importante, quisessem morrer com base em tais imaginários.

De acordo com Benedict Anderson, o nacionalismo deve ser compreendido no momento em que é alinhado não a ideologias políticas conscientemente defendidas, mas, antes, a vastos sistemas culturais que o precederam, e a partir dos quais é constituído. Tais sistemas são a *Comunidade Religiosa* e o *Reino Dinástico*. Os dois podem ser destacados como quadros de referência inquestionáveis, tal como em grande medida é hoje a nacionalidade. Segundo Anderson:

Há poucas coisas tão impressionantes como a vasta extensão territorial da Ummah entre Marrocos e o arquipélago de Sulu, da Cristandade entre o Paraguai e o Japão, ou do

mundo budista entre o Sri Lanka e a península coreana. As grandes culturas sacrais (...) incorporaram concepções de comunidades imensas. (ANDERSON, Benedict, 2005, p. 34).

Contudo, a Cristandade, a Ummah Islâmica ou mesmo o Império Chinês eram imagináveis a partir de uma língua e de uma escrita sagradas. Isto reforça a ideia de que todas as grandes comunidades clássicas se conceberam a si mesmas como estando no centro do cosmos, a partir de uma língua sagrada sempre relacionada a uma ordem de poder supraterrena. Contudo, torna-se necessário pensar que tais comunidades clássicas, ligadas por línguas sagradas, assentavam-se sobre uma natureza diferente daquela na qual repousam as comunidades imaginadas das nações modernas.

Anderson (2005) problematiza que, muito embora as línguas sagradas permitissem imaginar comunidades imensas como a cristandade, o âmbito e a plausibilidade de tais formas de comunidades não podem se ancorar somente nas escrituras sagradas, uma vez que seus leitores eram sempre minúsculos recifes letrados destacando-se sobre os vastos oceanos iletrados. Assim, uma explicação mais completa nos obrigaria a olhar para a relação que se fazia entre os literatos e as suas sociedades. Anderson salienta que os literatos eram nesses contextos especialistas em níveis estratégicos dentro de uma hierarquia cosmológica na qual o vértice era divino. Nessa perspectiva, as concepções que se tinham em torno dos grupos sociais eram sempre centrípetas e hierárquicas:

O poder espantoso do papado no seu apogeu só é compreensível em termos de um clero transeuropeu que escrevia latim e de uma concepção do mundo, partilhada por quase todas as pessoas, segundo a qual a intelligentsia bilíngue, ao fazer a mediação entre o vernáculo e o latim, fazia a mediação entre a terra e o céu. (ANDERSON, 2005, p. 37).

Contudo, mesmo considerando a grandeza e o poderio das grandes comunidades religiosamente imaginadas, sua coerência não-consciente acabou por se esvanecer depois do fim da Idade Média. E entre as razões de tal declínio, enfatiza-se o efeito da exploração do mundo não-europeu, alargando horizontes, culturais ou geográficos, e também a concepção que os homens tinham das formas possíveis para a vida humana.

Quanto à representação em torno do reino dinástico, Anderson (2005) destaca ser talvez difícil, hoje, conseguirmos nos transportar para um mundo em que o reino dinástico era, para a maioria dos

homens, o único sistema “político” imaginável. Na sua concepção moderna, a soberania do Estado aplica-se de forma total, horizontal e uniforme a cada centímetro quadrado de um território legalmente demarcado. Contudo, no imaginário mais antigo os Estados eram definidos por centros, as fronteiras eram percebidas de forma porosa e indistinta. Anderson acrescenta que seria reducionismo pensar as comunidades imaginadas das nações como simples frutos originários das comunidades religiosas e dos reinos dinásticos, que viessem a substituí-los. É necessário salientar que, por detrás do declínio das comunidades, línguas e linhagens sagradas, passou-se a dar uma mudança fundamental nos modos de percepção do mundo, possibilitando “pensar” a nação.

Anderson postula que a possibilidade de imaginar a nação só emerge historicamente quando três concepções fundamentais perdem seu poder axiomático sobre a mentalidade dos homens. A primeira seria a ideia de que a linguagem escrita proporcionava um acesso privilegiado à verdade ontológica. A segunda, a crença de que os monarcas eram pessoas distintas dos outros seres humanos e governavam sob uma lei divina. E a terceira, a concepção de temporalidade na qual a cosmologia e a história seriam indistinguíveis, e onde a origem do mundo e dos homens seria, assim, coincidente. O autor procura delinear os processos dentre os quais a ideia de nação passa a ser imaginada e, nesse sentido, moldada, adaptada e transformada ao longo do tempo. A convergência dada pelo advento do capitalismo e da tecnologia da imprensa sobre a diversidade fatal das línguas humanas acabou por criar a possibilidade de uma nova forma de comunidade imaginada, a qual preparou o terreno para a nação moderna.

A importância de tal sentimento de nacionalismo, hoje, poderia ser verificada nos hinos nacionais, entre outros exemplos. Como ressalta Anderson, independentemente de quão banais possam ser as letras e de quão medíocres as melodias, parece haver sempre uma simultaneidade na sua entoação. É exatamente entremeio a esses momentos que pessoas ainda que desconhecidas entre si “*preferem os mesmos versos para as mesmas músicas*”. De acordo com Anderson, muito embora o fator nacional tenha engendrado em si certa aura de fatalidade, ela está sempre inscrita na história. Torna-se assim possível, a partir de sua perspectiva teórica, dar relevância à ideia de que a nação foi concebida por meio da língua e não pelo sangue, e de que, nessa medida, membros outros poderiam ser convidados a fazer parte da comunidade, então imaginada, da nação.

Atualmente, o que se torna necessário pensar é em que medida, diante de uma sociedade marcada por interrelações virtuais e pela presença imaterial do humano, a ideia de comunidade poderia tender ao seu desaparecimento, ou curiosamente, propor-se a sua própria ressignificação. Poderemos falar da era da emergência das *comunidades imaginadas virtuais*? Rheingold (apud CORRÊA, 2007) ressalta que nos últimos anos tem se tornado intensa, a partir da internet, a procura virtual de pessoas com as quais compartilhar interesses comuns. Essa busca acabaria “aproximando” os indivíduos e possibilitando o surgimento de novas formas de relações sociais, entre elas destacando-se as chamadas *comunidades virtuais*, presentes em vários sites de relacionamento. As comunidades virtuais podem ser entendidas como agregações que surgem no contexto da internet quando uma quantidade significativa



**Filosofia & Ciência**  
 Início > Comunidades > Outros > Filosofia & Ciência

descrição: Um lugar reservado para discussões sobre a verdade e a realidade dos fatos, tomando como ferramentas a filosofia e a ciência. Então, se você possui questões e pontos interessantes a levantar, sirva-se deste espaço.

idioma: Português (Brasil)  
 categoria: Outros  
 dono: Filipe Presta  
 moderadores: Benhur, Angel, Dido, Maria, Dinael  
 tipo: moderada  
 privacidade do conteúdo: aberta para não-membros  
 local: Brasil  
 criado em: 29 de maio de 2004  
 membros: 19.404

membros (19404)  
 Dea, Ciríandia, Zese, Mariana, Queila, T, Doom, Guilherme, #Eduardo

fórum

tópico	postagem	última postagem
<input type="checkbox"/> a mais coerente explicação ontológica da realidade	20	30/03/10
<input type="checkbox"/> O mito da caverna	2	30/03/10

comunidades relacionadas  
 Filosofia da, Filosofia Para, Ética e

de pessoas promove discussões públicas num período de tempo suficiente, com emoções suficientes, para formar teias de relações pessoais no ciberespaço (RHEINGOLD apud CORRÊA, 2007).

Cyntia Corrêa (2007) discute, em seu artigo *Comunidades Virtuais gerando identidades na Sociedade em Rede*, a formação de comunidades virtuais como

#### Comunidade Virtual no site de relacionamentos Orkut

um meio de o indivíduo circunscrito pelo contexto da sociedade em rede se fazer reconhecer por meio de uma ou, ainda, de várias identidades, sendo o modo de atribuição dessas novas identidades alicerçado numa escolha pessoal, eletiva. Assim, essa seria a principal diferença em relação ao modelo tradicional de atribuição de características identitárias, em meio ao qual estas características seriam, antes, resultado de um processo de imposição.

Nessa medida, Corrêa argumenta que a existência de comunidades virtuais pode ser uma maneira de gerar identidades aos indivíduos participantes, com base em uma das consequências possíveis dos aspectos da globalização sobre as identidades culturais, afirmando que as identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades, por vezes híbridas, tomam seu lugar, tal como é postulado por teóricos como Stuart Hall (2003). A sociedade em rede possibilitaria, em meio a essa série de elementos,

a comunicação mais ágil e rápida entre os indivíduos independentemente da sua localização geográfica, em meio a um quadro de constantes e incontroláveis mudanças, manifestando uma tendência das pessoas de se reunir em grupos sociais que visariam a compartilhar interesses comuns.

#### 4. Considerações Finais

As representações acerca de ideia de comunidade podem ser percebidas por suas formas discordantes. Se de um lado, autores como Bauman (2003) procuram chamar atenção para a construção de um imaginário de comunidade calcado sobre uma era fragmentária dos sujeitos e até mesmo para a impossibilidade da concretização de laços comuns, de outro, teóricos como Anderson (2005) propõem a ideia de comunidade assentada sobre o poder do imaginário, o que já se fazia presente mesmo durante a Idade Média refletida, sobremaneira, na imensa comunidade religiosa da cristandade.

Bauman (2003) argumenta que a comunidade tenderia a ser representada como algo pautado sobre a sensação de um lugar cálido, um lugar confortável e aconchegante, onde seria possível nós nos preservarmos dos perigos capazes de nos assolar fora dela. Nessa medida, a sua sobrevivência no mundo atual é questionada diante da incapacidade de se sobreviver ao rompante de um mundo cada vez mais interconectado por bases virtuais. Podem-se perceber aqui os limites de sua análise ao não considerar a possibilidade da resignificação do próprio imaginário de comunidade. Já durante os séculos XVIII e XIX e mesmo na medievalidade, Anderson (2005) destaca a emergência de um imenso constitutivo de comunidades vastas formadas por um imaginário de pertencimento comum, que independe do contato físico ou pessoal de seus membros. O que distanciaria as comunidades virtuais da era da informação das comunidades imaginadas de nação seria, assim, sua base territorial perfeitamente delimitada. Contudo, é importante lembrar que as *comunidades religiosas e os reinos dinásticos* na medievalidade, como salienta Anderson (2005), não eram marcados por fronteiras bem limitadas, mas, antes, por formas bastante porosas e pela existência de um elemento sagrado, como a língua, que permitia sua unicidade. Assim, se a emergência dos Estados modernos só foi possível a partir de bases estruturais como a tecnologia da escrita e a substancialização do sistema capitalista, porque seria impossível falar em comunidades amplamente consolidadas no mundo contemporâneo, com

base nas redes possibilitadas pelos meios eletrônicos? A estruturação de uma nova base tecnológica, como outrora, que representou a tecnologia da escrita, poderia tornar capaz a consolidação conjunta de uma nova forma de interação social e a construção de um novo imaginário no que tange às formas de pertencimento no mundo da alta-modernidade.

Assim, em consonância com Corrêa (2007), que destaca que o homem contemporâneo sente cada vez mais necessidade de se integrar a determinados grupos sociais e assim se envolver com pessoas que compartilhem algo em comum, com as quais tenha certa identificação, salientamos que a perspectiva de uma comunidade imaginada é amplamente possível no contexto da era da informação, e que a ancoragem dos indivíduos, diante de tal perspectiva, parece não apontar para a total desarticulação das bases existenciais, mas, antes, o que parece ser edificada é a construção de um novo imaginário social acerca da ideia de comunidade.

### 5. Referências Bibliográficas:

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo*. Lisboa: Edições 70, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4ed. Tradução: Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 2003.

CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

COMUNIDADE BOM PASTOR. Disponível em: <[http://www.viafanzine.jor.br/008imagem/comunidade\\_bom\\_pastor1.jpg](http://www.viafanzine.jor.br/008imagem/comunidade_bom_pastor1.jpg)>. Acesso em: 30 mar. 2009.

COMUNIDADE CANÇÃO NOVA. Disponível em: <<http://blog.cancaonova.com/eventos/files/2009/02/imagem.jpg>> Acesso em: 30 mar.

CORRÊA, Cyntia. *Comunidades Virtuais gerando identidades na Sociedade em Rede*. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/cyntia1.htm>> Acesso em: 12 jul. 2007.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991, 177p.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Liv Sovik (org.). Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos. O breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ORKUT. Disponível em: <[www.orkut.com.br](http://www.orkut.com.br)>. Acesso em 30. Mar. 2010.

QUAKERS. Disponível em: <<http://jriddell.org/photos/2007-06-anneke-vivian-wedding-young-quakers-photo.jpg>> Acesso em: 30 mar. 2010.

REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste. *O século XX: o tempo das dúvidas. Do declínio das utopias às globalizações*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 320p.

RIBEIRO, Jorge Cláudio. *Os Universitários e a Transcendência: Visão geral, visão local*. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/rever/universitarios.html>>. Acesso em: 10 ago. 2006.

---

Recebido em março de 2010

Aprovado em julho de 2010

Arte: Daniela Araújo